

horticultura brasileira

Revista da
Sociedade de Olericultura do Brasil



O DESAFIO DA PLASTICULTURA

Como plasticultura entende-se o uso do plástico na agricultura. Embora o termo venha sendo empregado recentemente, o uso da cobertura plástica de canteiros já ocorre há mais de 10 anos, principalmente em cultivos como o morangueiro, sendo realmente novidade (sic) o uso de estufas plásticas para a produção de hortaliças. A utilização de estufas veio suprir a necessidade de aumentar a produtividade, principalmente nos períodos de entressafra e em áreas reduzidas, onde não era mais possível a incorporação de novas áreas de plantio, com consequente aumento da rentabilidade da exploração agrícola.

Em função do investimento (hoje o metro quadrado da construção está orçado em firmas especializadas na faixa de R\$ 12,00, incluindo a irrigação por gotejamento), é imperioso uma escolha criteriosa sobre o **que**, **como**, e **quando** plantar e **como** comercializar. São quatro questões aparentemente simples e corriqueiras para produtores tradicionais de hortaliças, mas que têm se mostrado decisivas para o sucesso da nova tecnologia.

Com o aumento comprovado da produtividade de algumas culturas, como por exemplo o pimentão, que alcança até 400 ton/ha em 10 meses de colheita, passou-se a idéia do retorno fácil deste investimento com uma ou duas culturas, que encontrariam um mercado garantido. No entanto, se todos plantassem as mesmas culturas não haveria mercado suficiente, e assim houve uma diversificação natural dos plantios, buscando novas alternativas com períodos distintos de plantio.

No Núcleo Horticola Suburbano de Vargem Bonita, no Distrito Federal, onde as propriedades possuem área média de 4,0 hectares, hoje há quase 100 estufas em produção totalizando mais de 30.000 m² de área coberta. Em tais condições são cultivadas 16 olerícolas diferentes, desde rabanete e coentro até tomate cereja e "net melon", buscando atingir um mercado consumidor mais exigente e diferenciado, que pague o valor da tecnologia e qualidade do produto ofertado, principalmente na entressafra do período chuvoso para as hortaliças folhosas. Desta forma, enquanto em outras regiões do DF, no período de inverno seco, as estufas estão em plena produção, é comum encontrarmos várias estufas com plantio exclusivo para rotação devido ao mercado fraco para comercialização de hortaliças folhosas, a opção preferencial na Vargem Bonita.

Porém, se há vantagens também há riscos. Devido à pesquisa no exterior estar mais avançada com relação a estes cultivos protegidos, é comum assistirmos à introdução de cultivares e/ou híbridos de comportamentos desconhecidos na nossa região, principalmente pelo fato de, em sua maioria, terem sido desenvolvidos no Hemisfério Norte, em condições completamente diferentes das aqui encontradas. Conseqüentemente, verifica-se não só a ocorrência de *novas doenças*, mas até mesmo o retorno de antigas para as quais há materiais nacionais resistentes desenvolvidos e já utilizados, bem como a permanência de pragas além da sazonalidade esperada. Isso demonstra que as estufas devem ser conduzidas por profissionais com tradição na atividade olerícola, mesmo porque os problemas que surgem às vezes são desconhecidos até mesmo dos mais experientes produtores e técnicos, além da sua evolução ser espantosamente mais rápida.

Hoje, além da preocupação com a rotação de culturas nas estufas, vislumbra-se uma preocupação maior do produtor com o não esgotamento do solo, reconhecidamente seu maior patrimônio, agora mais intensivamente exigido devido ao novo sistema de plantio. Este é um fato altamente positivo que a utilização de estufas acarretou, despertando o produtor para o uso racional deste recurso. Daí o incremento do uso de compostagem orgânica; da aplicação parcelada de adubos químicos, principalmente através da fertirrigação via gotejamento; de tratamento do solo, inclusive por solarização; do uso, enfim, da análise de solo, principalmente devido ao grande risco de salinização dos solos nestas condições. Se após todo o investimento não houver uma apresentação diferenciada deste produto ao consumidor, talvez a rentabilidade tão esperada não ocorra satisfatoriamente. A comercialização dos produtos em embalagens de papelão ou bandejas plásticas, personalizadas, o uso de filme plástico e de etiquetas individuais por fruto já é uma realidade que permite agregar valores à produção, destacando-os das demais hortaliças pela alta qualidade, obtendo local de destaque nos pontos de venda.

Portanto nas estufas incrementam-se não só o investimento, o uso do solo, a produtividade e a rentabilidade, mas também os desafios. Se hoje esta é uma atividade de sucesso deve-se ao fato de estar nas mãos de produtores altamente profissionais, com ampla experiência não só na produção mas também, e principalmente, na comercialização.

É, sem dúvida, a melhor opção hoje para o horticultor de pequenas áreas aumentar a sua produtividade, sendo o setor de maior expansão hoje na olericultura e talvez o único que tenha apresentado resultados econômicos positivos no último ano. Razão mais do que suficiente para a pesquisa nacional vir de encontro às necessidades dos produtores, que tem feito experiências com recursos próprios, e às questões levantadas pelos técnicos que lhes prestam assistência.

Atualmente assiste-se ao aumento do número de firmas construtoras de estufas e de revendedoras de insumos e equipamentos, o que acarretará, com certeza, na redução dos custos. Esta concorrência beneficiará um contingente maior de produtores, principalmente aqueles de menor poder aquisitivo, mas com a tradição e experiência que a atividade requer, pois não se trata nem de um porto seguro sem riscos na agricultura, tampouco de uma fábrica de riquezas. (Eng. Agr. Débora M. R. Cruz, EMATER/DF- Secretaria da Agricultura)

A revista Horticultura Brasileira é indexada pelo CAB, AGROBASE, AGRIS/FAO e sumários eletrônicos/IBICT.

Programa de apoio a publicações científicas



Horticultura Brasileira, v. 1 nº1, 1983 - Brasília, Sociedade de Olericultura do Brasil, 1983.

Semestral

Títulos anteriores: V. 1-3, 1961-1963, Olericultura. V. 4-18, 1964-1981, Revista de Olericultura.

Não foram publicados os v. 5, 1965; 7-9, 1967-1969.

Periodicidade até 1981: Anual.

1. Horticultura - Periódicos. 2. Olericultura - Periódicos. I. Sociedade de Olericultura do Brasil.

CDD 635.05

Tipagem: 1.000 exemplares